



UEPB

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E EXATAS
LICENCIATURA EM LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA**

LUANA KALLINE MOURA PEREIRA

**SEVERINO E LILA FAZEM CHOVER CONHECIMENTO NO ENSINO
FUNDAMENTAL II**

MONTEIRO

2017

LUANA KALLINE MOURA PEREIRA

**SEVERINO E LILA FAZEM CHOVER CONHECIMENTO NO ENSINO
FUNDAMENTAL II**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Letras da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB – Campus VI), como pré-requisito parcial para obtenção do grau de licenciada em Letras com habilitação em Língua Portuguesa, sob a orientação do Prof. Dr. Marcelo Medeiros da Silva.

MONTEIRO

2017

P436s Pereira, Luana Kalline Moura.
Severino e Lila fazem chover conhecimento no Ensino Fundamental II [manuscrito] : / Luana Kalline Moura Pereira. - 2017.
56 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Humanas e Exatas, 2017.

"Orientação : Prof. Dr. Marcelo Medeiros da Silva, Coordenação do Curso de Letras - CCHE."

1. Letramento. 2. Habilidade de leitura . 3. Habilidade na escrita. 4. Livro paradidático .

21. ed. CDD 379.24

LUANA KALLINE MOURA PEREIRA

**SEVERINO E LILA FAZEM CHOVER CONHECIMENTO NO ENSINO
FUNDAMENTAL II**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Letras da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB – Campus VI), como pré-requisito parcial para obtenção do grau de licenciada em Letras com habilitação em Língua Portuguesa, sob a orientação do Prof. Dr. Marcelo Medeiros da Silva.

Apresentado em 32 de Dezembro de 2017

BANCA EXAMINADORA

Marcelo Medeiros da Silva

Prof. Dr. Marcelo Medeiros da Silva (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Daniele Tavares Figueira

Prof. Esp. Daniele Tavares Figueira
5ª Regional de Ensino da Paraíba

Rafael de Farias Ferreira

Prof. Me. Rafael de Farias Ferreira
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

AGRADECIMENTOS

Existem certas escolhas que fazemos na vida, que quando as tomamos não temos ideia nem proporção de onde elas nos levarão. Ter cursado Letras-Português foi uma escolha tomada imaturamente por uma menina que tinha acabado de sair do ensino médio. Ter trilhado por esse caminho me despertou para inúmeras coisas, além de me abrir oportunidades para conhecer pessoas, lugares, que me trouxeram muito aprendizado e conhecimento. Com isso, só tenho a agradecer às pessoas que fizeram dessa caminhada satisfatória, enriquecedora e cheia de amor.

Agradeço primeiramente, a minha mãe que sempre acreditou em mim e que sempre se dedica para me dar o melhor, que aguentou meus piores dias e sempre compreendeu meus momentos de ausência. A ela agradeço imensamente por ter me educado e ter me tornado o ser humano que sou hoje.

Agradeço imensamente a duas pessoas que me fortaleceram quando pensei em fraquejar. Adélia Dayane, uma amiga/irmã que sempre me mostrou o lado positivo das coisas, e a enxergar meu potencial. Ela que passou juntamente comigo dias maravilhosos e devastadores. Com ela dividi sorrisos, angustias e lágrimas.

AAnderson Cardoso, que surgiu em minha vida como uma surpresa boa e me fortaleceu diariamente com seus choques de realidade. Com ele, cresci como pessoa e aprendi a lutar pelos meus sonhos, a alcançar novos voos. Vivemos grandes momentos juntos, aprendemos juntos, dividimos angústias diárias. Alguém que aprendi a amar em tão pouco tempo de convivência.

Ao professor Dr. Marcelo Medeiros, por ter dado oportunidades, dentre elas, de participar do PIBID, que abriu portas conduzindo-me até onde estou hoje, além disso, se tornou um exemplo de professor que quero seguir. Obrigada, pela confiança que sempre depositou em mim e por tudo o que me oportunizou conhecer.

À Daniele Tavares uma pessoa brilhante de coração imenso, sempre com bons conselhos e disposta a ajudar. Obrigada por ter me auxiliado em um dos momentos mais decisivos de minha vida.

Ao meu namorado, que dividiu comigo sorrisos, lágrimas, decepções e que sempre tentou levantar meu astral quando algo não ia bem. Foram/são tempos difíceis, mas irá melhorar.

À uma aluna em especial que mesmo com metade de minha idade me ajudou com a maturidade de um adulto.

Ao corpo docente da escola Bento Tenório, que nos acolheu tão bem, dando total liberdade e apoio para realização de nosso trabalho na escola.

Meus agradecimentos aos alunos com os quais tive o prazer de trabalhar, para eles meu muito obrigado, por ter me proporcionado uma experiência singular e extremamente significativa para mim enquanto professora e ser humano.

Por fim, agradeço a todos que de algum modo contribuíram para esta etapa de minha vida.

Aí, encantada com a beleza da música, ela mesma me pediria que lhe ensinasse o mistério daquelas bolinhas pretas escritas sobre cinco linhas. Porque as bolinhas pretas e as cinco linhas são apenas ferramentas para a produção da beleza musical. A experiência da beleza tem de vir antes".

Rubem Alves

RESUMO

Este trabalho integra um conjunto de ações que desenvolvemos como bolsistas do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID). As ações por nós realizadas objetivaram o desenvolvimento das habilidades de leitura e de escrita de alunos do segundo ciclo do ensino fundamental. Para tanto, buscamos utilizar livros cujas temáticas tivessem relação direta com o contexto situacional dos alunos. Primamos por uma abordagem que, no processo de contato entre texto e leitor, se balizou por momentos motivacionais de natureza lúdica. Para a realização de nosso trabalho em sala de aula, escolhemos os livros “Severino faz chover”, de Ana Maria Machado, e “Lila e o segredo da chuva”, de David. Considerando-se o exposto, o presente trabalho objetiva não só expor atividades que elaboramos a partir dos livros citados anteriormente, mas refletir sobre as reações dos alunos durante a execução das propostas de leitura e de escrita desenvolvidas na referida sequência. Embasamos nossas reflexões nas orientações teórico-metodológicas de Oliveira (2012), Haydt (2006), Cosson (2006) e Soares (2003) a fim de propormos abordagens diferenciadas acerca da circulação de materiais impressos para a leitura em sala de aula, bem como estratégias de aproximação do aluno para com o texto. Dessa forma, acreditamos que o trabalho de letramento, agregado a atividades motivacionais, contribui de forma efetiva para o desempenho na construção de conhecimento do alunado, pois, além de tornar o momento de leitura aprazível, melhora a relação entre professor e aluno, tornando o ambiente propício à aprendizagem.

Palavras-chave: Letramento, Lúdico, Atividades Motivacionais.

ABSTRACT

This work includes a set of actions developed as scholarship recipients of the Institutional Scholarship Initiative Program (PIBID). The actions we completed aimed at developing the reading and writing skills of students in the second cycle of elementary school. To do so, we seek to use books whose themes have a direct relationship with the situational context of the students. We begin with an approach that, in the process of contact between text and reader, was marked by motivational moments of a playful nature. For the accomplishment of our work in the classroom, we chose the books "Severino makes rain", by Ana Maria Machado, and "Lila and the rain secret", by David. Considering the above, the present work aims not only to expose the didactic sequence that we elaborated from the books mentioned above, but to reflect on the reactions of the students during the execution of the reading and writing proposals developed in the mentioned sequence. We base our reflections on the theoretical-methodological orientations of Oliveira (2012), Haydt (2006), Cosson (2006) and Soares (2003) in order to propose different approaches on the circulation of printed materials for reading in the classroom, as well as strategies for approaching the student to the text. Thus, we believe that the work of literacy, added to motivational activities, effectively contributes to the performance in the student's knowledge construction, because, besides making the reading moment pleasant, improves the relationship between teacher and student, making the environment conducive to learning.

Keywords: Literacy, Playful, Didactic Sequence, Motivational Activities.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 LÍNGUA PORTUGUESA E ENSINO FUNDAMENTAL: DA ALFABETIZAÇÃO AO LETRAMENTO	13
2.1 Alfabetização e letramento no ensino de língua materna	13
2.2 Ensino de língua portuguesa e documentos oficiais	17
3 OS CAMINHOS DA PESQUISA: ABORDAGENS METODOLÓGICAS	24
3.1 Do local da pesquisa	24
3.2 Dos sujeitos da pesquisa	25
3.3 Do tipo de pesquisa	26
3.4 Da coleta e análise de dados	27
4 ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA NO FUNDAMENTAL II: PROPOSTA, AÇÃO E REFLEXÃO	30
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	43
REFERÊNCIAS	44
APÊNDICE I - Questionário	47
APÊNDICE II - Propostas de atividades	49
APÊNDICE III - LINKS DE ACESSO AOS LIVROS TRABALHADOS	57

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho centra-se em reflexões acerca de um conjunto de atividades realizadas por nós enquanto bolsistas do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID-CAPES) a partir do subprojeto de Letras que está em andamento no Centro de Ciências Humanas e Exatas, Campus VI, da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Neste trabalho, procuraremos partilhar as experiências de leitura literária que realizamos com alunos de uma escola pública da zona rural do município paraibano de Monteiro, os quais, segundo relatos do corpo docente, apesar de já estarem alfabetizados, apresentavam baixos desempenhos de leitura e escrita. Foi pensando em tais dificuldades que decidimos desenvolver uma proposta que, visando ao desenvolvimento das competências de leitura e de escrita, esteve centrada em textos com os quais os alunos pudessem se sentir familiarizados e em atividades motivacionais que proporcionassem a estes prazer em aprender. Desse modo, reunimo-nos, semanalmente, com tais alunos a fim de proporcionar-lhes situações aprazíveis de letramento que fizemos a partir da elaboração de uma sequência de atividades que procurou levar em conta os seguintes aspectos.

O primeiro deles relacionou-se à aversão que os alunos diziam sentir pelas práticas de leitura, o que, talvez, justificava-se o baixo desempenho deles em atividades que exigiam certa proficiência na leitura e, conseqüentemente, na escrita. Por isso, procuramos elaborar, desde a escolha dos textos até à elaboração das propostas de atividades a serem realizadas, envolver os alunos, de maneira que eles pudessem sentir-se à vontade para exporem suas impressões e opiniões acerca dos materiais de leitura que estávamos trazendo para a sala de aula.

O segundo aspecto que guiou as nossas ações foi não deixar de lado o contexto situacional dos alunos durante a escolha dos textos a serem trabalhados bem como no momento em que fossemos elaborar as atividades a serem executadas. Sendo assim, acreditamos que, em virtude do perfil do nosso alunado, levar em conta a localidade e a comunidade onde eles estavam inseridos poderia tornar a prática de leitura e de escrita mais significativas no processo de aprendizagem. Em outras palavras, procuramos valorizar, os conhecimentos prévios de nossos alunos, uma vez que segundo Souza e Pinheiro (2015):

por meio do conhecimento prévio, o ato de ler torna-se significativo ao encontrar na história elementos já vivenciados. Desse modo as aproximações com outros textos, com fatos ocorridos na família, um personagem que lembra um amigo estabelecem uma relação da narrativa com as experiências do leitor e contribui para apropriação da leitura e atribuições de significado ao que se lê (*Apud*SAMPAIO e LIMA, 2015, p. 18).

Sendo assim, os livros trabalhados foram “Severino faz chover”, de Ana Maria Machado, e “Lila e o segredo da chuva”, de David Conaway, os quais abordam a temática da chuva e as consequências causadas pela escassez de água. Como a seca é um fenômeno recorrente na região onde habitam os alunos, eles poderiam sentir-se familiarizados com as histórias e personagens e, durante os momentos de leitura, puderam socializar os conhecimentos e vivências a respeito de como é viver em uma terra assolada pela falta de água.

O último aspecto que nossa sequência procurou não perder de vista diz respeito às formas de avaliação. Além de uma avaliação contínua, procuramos desenvolver atividades que motivassem os alunos a participarem, a se porem diante das perguntas realizadas. Para tanto, elaboramos uma miríade de atividades, tais com caça-palavras, cruzadinhas, bingos, descoberta de objetos, criação de novas histórias a partir de objetos presentes no cotidiano. Tais atividades levaram os alunos a pensarem, discutirem, criarem e socializarem seus conhecimentos em confronto com o que os livros apresentavam.

Considerando-se o exposto, o presente trabalho está organizado em dois capítulos. No primeiro, intitulado de “Língua Portuguesa e Ensino Fundamental: da Alfabetização ao Letramento” apresentamos um breve percurso histórico sobre as metodologias de ensino embasadas nos estudos de Barbosa (2008), Soares (2003) e Piccoli e Camini, (2012). Além disso, mostramos também pressupostos teóricos que alicerçaram não só a elaboração da sequência de atividades que conduziu a nossa intervenção pedagógica, mas, também, a reflexão acerca da referida intervenção que é o escopo do segundo capítulo que tem como título “Os caminhos da pesquisa: abordagens metodológicas”. Nesse, detemo-nos em não só descrever os procedimentos adotados para a nossa intervenção em sala de aula, mas, sobretudo, refletir acerca da recepção dos alunos em relação aos textos que circularam como material de leitura bem como em relação às atividades que lhes foram propostas. Com isso, para fundamentar nossas discursões valemo-nos das contribuições de Oliveira (2012), Haydt (2006) e Cosson

(2006) que versavam sobre o papel do lúdico no processo de ensino aprendizagem e sobre a importância da literatura para o processo de letramento.

Por fim, esperamos que as atividades por nós realizadas possam contribuir para a ressignificação das práticas de leitura e de escrita no ambiente escolar, assim como tornar os momentos de leitura mais prazerosos, de maneira que saber e sabor estejam sempre em comunhão.

2 LÍNGUA PORTUGUESA E ENSINO FUNDAMENTAL: DA ALFABETIZAÇÃO AO LETRAMENTO

O ensino de Língua portuguesa sofreu mudanças consideráveis ao decorrer dos anos, desde que o ensino passou a ser obrigatório para todos e, no entanto, necessitou de estratégias para um melhor processo de aprendizagem que atendesse às necessidades de uma sociedade constantemente mutável e eletrônica. Nesse contexto, surgiram inúmeras pesquisas envolvendo os métodos de ensino aprendizagem, como será exposto nos tópicos a seguir.

Sendo assim, o presente capítulo objetiva fazer um percurso sobre o ensino de leitura e escrita, partindo de pressupostos históricos até chegar às abordagens atuais envolvendo esses processos.

2.1 Alfabetização e letramento no ensino de língua materna

Muito se tem discutido sobre a temática “alfabetização e letramento”, que segundo Soares (2007), etimologicamente, alfabetização significa: levar à aquisição do alfabeto, ou seja, ensinar a ler e a escrever. E letramento é o processo de relação das pessoas com a cultura escrita. Tanto em quanto em outro caso, as propostas e alterações na forma como o ensino é ofertado não surgiu de um dia para outro, em especial quando, voltando-nos para a disciplina de Língua Portuguesa, procuramos pensar no ensino de leitura e de escrita a partir da educação básica, mais precisamente a partir das séries iniciais do ensino fundamental II.

Barbosa (2008) divide a história do ensino de leitura e escrita em três períodos principais. O primeiro deles, e conseqüentemente o mais antigo, acontece até a metade do século XVIII e tinha como unicidade o método sintético, ou seja, “o aprendiz deveria dominar o alfabeto, nomeando cada uma das letras, independente do seu valor fonético ou sua grafia. [...] tinha como ponto de partida o estudo dos elementos da língua – Letra, fonema e sílaba -” (BARBOSA, 2008, p.46). Nesse mesmo período, não havia escolas separadas por turmas ou por níveis de aprendizagem, o que se tinha eram turmas mistas com alunos de diferentes faixas etárias, com maiores e menores dificuldades. Não apresentando resultados significativos, o método sintético perde força dando lugar ao analítico que surge a partir do século XVIII e se concretiza no século XX. O método

analítico consistiu em reformular o antigo método em vigor para servir de modelo para os estados brasileiros. A partir daí, criou-se uma ESCOLA-MODELO, na qual havia turmas separadas por faixas etárias e níveis de aprendizagem. Barbosa (2008) afirma que: esse novo método consistia em “trabalhar a partir de unidades completas de linguagem para depois dividi-las em partes menores.” Por exemplo, a criança parte da frase para extrair as palavras e, depois, dividi-las em unidades mais simples, as sílabas. Nesse método se encaixavam os ditados, e as atividades voltadas à repetição, já que se acreditava que a escrita resumia-se apenas à reprodução das letras escritas. O referido método não foi aceito por todos, havia professores que defendiam o antigo método, e outros que lutavam para a concretização do método analítico. E por fim o atual período, com o método construtivista¹ ou seja “ler não é (mais) decodificar”.

Com isso, (Decroly, s/d *apud* Barbosa, 2008, p.46) dissemina as bases do “método ideovisual” que traz em suas características o reconhecimento do texto lido, a compreensão da leitura posta como o mais importante, deixando de lado a decodificação abordada pelos outros métodos. De modo geral, para Decroly (s/d): “ler é mais importante que decifrar; o sentido do texto tem mais importância do que o som do texto; a aprendizagem parte de palavras com significado afetivo e efetivo para a criança.” O que criou portas para um ensino de mudanças com olhares para além de decodificar.

Foi a partir da segunda metade do século XX, por volta dos anos 1970, que Ferreiro e Teberosky (*apud* PICCOLI e CAMINI, 2012, p.29) apresentaram, a partir de pesquisas sobre a psicogênese da escrita, contribuições relevantes acerca do processo por meio do qual a criança se apropria de sons, imagens e ações a sua volta para desenvolver a escrita. Para as referidas estudiosas, os rabiscos de uma criança demonstram inúmeros sentidos que mostram como ela aprende a partir de associações com o mundo em sua volta. Essa conclusão foi obtida por meio de pesquisas e investigações interligando o que foi produzido pela criança com o seu contexto social. Dessa maneira, o trabalho com a psicogênese vai de contra partida aos métodos (sintético e analítico) que discutiam sobre qual a melhor maneira de alfabetizar, a psicogênese, por sua vez, busca compreender como a criança aprende e expressa esse aprendizado.

¹Inspirado nas ideias do suíço Jean Piaget (1896- 1980), o método procura instigar a curiosidade, já que o aluno é levado a encontrar as respostas a partir de seus próprios conhecimentos e de sua interação com a realidade e com os colegas.

No entanto, após inúmeras discussões voltadas para o processo de alfabetização, eis que surge no ano 1986 o vocábulo letramento. A esse respeito, Soares descreve que o letramento:

Partiu da necessidade de configurar e nomear comportamentos e práticas sociais na área da leitura e da escrita que ultrapassem o domínio do sistema alfabético e ortográfico, nível de aprendizagem da língua escrita perseguido, tradicionalmente, pelo processo de alfabetização. (SOARES,2004, p.97).

Em outras palavras, o letramento surge para atender às necessidades da sociedade atual que evolui diariamente e exige, dos sujeitos nela atuantes, domínio sobre as mais variadas formas de expressão da língua, nesse sentido, os antigos métodos já não dariam conta por tratarem de abordagens rasas sem qualquer tipo de reflexão sobre os usos sociais da leitura e da escrita, o que, de certo modo, contribuiu para a existência de um número elevado de analfabetos funcionais².

À luz de tais discussões, Soares (2004) aponta as dissensões entre alfabetização e letramento. Ou seja, os dois processos agem distintamente tanto em relação aos objetos de conhecimento quanto em relação aos processos cognitivos e linguísticos de aprendizagem.

Um indivíduo alfabetizado não é necessariamente um indivíduo letrado; alfabetizado é aquele indivíduo que sabe ler e escrever; já o indivíduo letrado, o indivíduo que vive em estado de letramento, é não só aquele que sabe ler e escrever, mas aquele que usa socialmente a leitura e a escrita, pratica a leitura e a escrita, responde adequadamente às demandas sociais de leitura e de escrita (SOARES, 1998, p. 40).

Nesse sentido, se um processo age unicamente com objetivo de ensinar os sujeitos a ler e escrever de forma mecanizada e superficial, o outro explora a leitura e a escrita em suas múltiplas funções, desde as situações mais simples do dia a dia até as situações mais complexas de uso dos códigos numéricos e alfabético. Sendo assim, o processo de decodificação não se mostra suficiente para a inserção ativa do indivíduo na sociedade. É necessário que o sujeito domine o processo de letramento, ou melhor, que

²O termo analfabeto funcional aponta para a incapacidade apresentada por um sujeito, de exercitar determinadas habilidades de leitura e escrita consideradas mais complexas, ou seja, que vão além da leitura e escrita do código linguístico, estas dificuldades impossibilitam a participação ativa do sujeito na vida social em diversas dimensões.

domine não só as competências da leitura escrita, mas também seja capaz de atuar e lidar com os mais variados contextos do seu cotidiano.

É, no entanto, pelo processo de letramento, iniciado na infância, que a criança nascida numa sociedade grafocêntrica começa a conviver com pessoas, espaços e situações com uma gama de materiais escritos que desempenham e exigem o uso social da língua escrita. Em contrapartida, o processo de alfabetização tem início na escola conduzido por professores que promovem atividades direcionadas às competências de leitura e escrita. Desse modo, diferentemente do letramento, a alfabetização não acontece de forma espontânea, mas sim é um trabalho sistemático voltado para o estudo do sistema alfabético, análise fonológica, as relações existentes entre os fonemas e grafemas, dentre outros.

As metodologias envolvendo o processo de alfabetização não devem ser deixadas de lado, nem ser tidas como errôneas, como muito se tem visto nas discussões entre *letramento X alfabetizar*, pois ler e escrever são competências de extrema importância e sempre se mostrarão essenciais no desenvolvimento dos sujeitos. Entretanto, existe uma necessidade de se trabalhar de forma conjunta os referidos processos. Como expõe Soares (1998, p. 47), “o ideal seria alfabetizar letrando, ou seja, ensinar a ler e a escrever no contexto das práticas sociais da leitura e da escrita, de modo que os indivíduos se tornem, ao mesmo tempo, alfabetizados e letrados.” Com isso faz-se necessário compreender que ambos os processos citados acima, apesar de distintos, são “*interdependentes e indissociáveis*”, melhor dizendo, a alfabetização só se mostra significativa quando posta em situações de reflexão e ocorre a partir de práticas sociais de leitura e escrita o letramento, que por sua vez, só acontece pelo processo da escrita.

Por fim, ao compreendermos que a aquisição da escrita não está dissociada do processo de letramento, é imprescindível que a instituição escolar elabore metas e estratégias que envolvam a leitura, a produção e reflexão de textos, assim como expor os alunos a diversos textos que circulam no meio social, com a finalidade de formar cidadãos capazes de exercer sua criticidade, criatividade e autonomia. Ou seja, “alfabetizar letrando significa orientar a criança para que aprenda a ler e a escrever levando-a a conviver com práticas reais de leitura e de escrita.” Afirma, Soares (2000).

2.2 Ensino de língua portuguesa e documentos oficiais

Muito se tem discutido a respeito do que é importante para o processo de aprendizagem, desde as séries iniciais aos três últimos anos do ensino médio, e o que é realmente eficaz no processo educacional. Com isso, inúmeras reformas foram feitas na educação para atender a esses objetivos. Entre elas, houve a elaboração dos parâmetros curriculares nacionais (PCN). Como a nossa experiência ocorreu na segunda fase do ensino fundamental, nesta seção, no que tange ao ensino de língua materna, vamos nos deter apenas ao que dizem os PCN acerca do terceiro e quarto ciclo do fundamental.

Como é sabido, os PCN reúnem um conjunto de propostas metodológicas que servem de subsídios para a elaboração de propostas didáticas vinculadas ao projeto político pedagógico da escola. Além disso, os PCN buscam, através de metodologias inclusivas, valorizar e respeitar as mais diversas crenças, raças e culturas, existentes no nosso país. Nesse sentido, esse documento visa gerar, por meio de discussões e resultados satisfatórios, contribuições para uma educação de qualidade que atenda às necessidades de cada aluno das mais diversas regiões.

Diante disso, dentre os objetivos propostos pelo documento para o ensino de língua materna, podemos destacar o desenvolvimento crítico do aluno, de maneira que o discente consiga desenvolver as habilidades de pensar agir e falar diante de diferentes situações sociais, conduzindo-o a ser um sujeito crítico e autônomo, tendo voz e argumentos para se posicionar diante de situações adversas. Um segundo objetivo, que julgamos pertinente destacar, é a expansão do conhecimento de mundo, que, segundo os PCN, será obtido pela exposição do aluno a diversas situações e contextos que envolvam sua comunidade local, assim como contextos exteriores a ela, contribuindo, desse modo, para um conhecimento além de sua realidade. Aqui, cabe a nós destacarmos que os conhecimentos locais devem ser estudados, valorizados e até mesmo resgatados, porém é necessário expandir os horizontes de conhecimento do alunado, para que, conhecendo realidades e culturas distintas, ele possa comparar e usa-las em situações do dia a dia.

Um terceiro objetivo aborda o trabalho com as formas que a linguagem se manifesta, sejam elas verbais, corporais, musicais, matemáticas. Nesse objetivo, é dada uma importância à variedade de conhecimentos que podem ser adquiridos a partir das linguagens, ou seja, não restringir o alunado em apenas um aspecto que julgar o

mais importante, pois cada qual traz consigo habilidades diferentes, e, sentindo-se livre para mostrá-las, o interesse se torna maior em aprender e participar.

Ao falarmos de aprendizagem, pensamos no processo de compreensão e assimilação de saberes e conhecimentos. Segundo o PCN aqui apresentado, o processo de aprendizagem dá-se por intermédio da interação entre três elementos, que são: o aluno, o conhecimento e o professor. Sobre o aluno, pensamos no sujeito com o qual será partilhado o saber, o elemento central pelo qual se busca melhorar. O conhecimento, é construído com práticas e atividades que conduzam o aluno a um saber crítico e expansivo, sendo capaz de opinar nas mais diversas situações cotidianas, ou seja, “utilizar a língua de modo variado, para produzir diferentes efeitos de sentido e adequar o texto a diferentes situações de interlocução oral e escrita” (BRASIL, 1998, p. 23). E por fim o professor, mediador do conhecimento, que desempenha um dos papéis mais importantes nesse processo, pois através de suas práticas metodológicas promove a troca de conhecimento, o qual não deve se limitar apenas à sala de aula, mas abranger os horizontes de conhecimento do alunado. É por meio do professor que os três elementos aqui discutidos dialogam, ocasionando bons desempenhos de aprendizagem.

Quanto ao ensino de língua portuguesa, tem-se uma cultura de que estudar/interpretar textos restringe-se especificamente apenas à disciplina de língua portuguesa, enquanto as demais disciplinas são destinadas apenas à exposição de conteúdos. Pensar dessa forma é descartar a linguagem presente em todas as outras áreas de conhecimento, mesmo sabendo que as mesmas também realizam trabalhos interpretativos, que valorizam e resgatam os conhecimentos adquiridos ao longo da trajetória acadêmica dos alunos. Com relação a essa concepção, os PCN expõem que:

Um texto produzido é sempre produzido a partir de determinado lugar, marcado por suas condições de produção. Não há como separar o sujeito, a história e o mundo das práticas de linguagem. Compreender um texto é buscar as marcas do enunciador projetadas nesse texto, é reconhecer a maneira singular de como se constrói uma representação a respeito do mundo e da história, é relacionar o texto a outros textos que traduzem outras vozes, outros lugares. (BRASIL, 1998, p. 40 e 41)

Por tanto, não cabe apenas ao professor de língua portuguesa ensinar meios de se compreender um texto, mas essa responsabilidade é de todos os docentes, independentemente de sua área de atuação, pois o aprendizado da leitura irá refletir no processo de compreensão em todas os componentes curriculares. Quando um aluno,

por exemplo, aprende a esquematizar um texto, para facilitar no momento de um estudo, essa prática vai ajudá-lo em diversas disciplinas. Partindo desse pressuposto, assim como a prática de interpretação de texto não deve ser destinada apenas para a disciplina de língua portuguesa, o estudo dos elementos da língua não deve ser fragmentado, ou seja, é necessário haver uma ligação entre todos os elementos - conhecimento de mundo; reflexão sobre o texto e a gramática - para que o aluno entenda como o processo acontece e compreenda a funcionalidade da língua em sua complexidade.

Voltando-se para a inserção e recepção dos conteúdos em sala de aula, sabemos que nós enquanto sujeitos ativos e modificadores de uma sociedade, ao entrarmos em contato com determinado conteúdo, criamos nosso próprio ponto de vista atribuindo a eles conhecimentos contidos em nossa bagagem discursiva. Do mesmo modo acontece no processo de desenvolvimento e aquisição da linguagem, é no contato com as práticas sociais que o conhecimento se expande e evolui, é onde exercemos nossa capacidade de uso da língua e é nesse contato que aprimoramos cada vez mais nossas competências de uso da linguagem. Nesse sentido, o ensino de língua materna precisa abarcar os usos da língua nos seus mais diferentes contextos, como forma de exercício e (re)construção de ideias e saberes.

Dessa forma, o professor cria situações partindo de produções que explorem os conhecimentos prévios dos alunos, seja em forma de conversa informal, questionários, produções textuais, pois:

O texto produzido pelo aluno, seja oral ou escrito, permite identificar os recursos linguísticos que ele já domina e os que precisa aprender a dominar, indicando quais conteúdos precisam ser tematizados, articulando-se às práticas de escuta e leitura e de análise linguística (BRASIL, 1998, p. 37).

Esse texto servirá de norte para um trabalho futuro, tendo como base os conhecimentos já existentes, trazidos por tais alunos, agregados a novas descobertas:

Nessas situações, o aluno deve pôr em jogo tudo o que sabe para descobrir o que não sabe. Essa atividade só poderá ocorrer com a intervenção do professor, que deverá colocar-se na situação de principal parceiro, favorecendo a circulação de informações (BRASIL, 1998, p. 70).

Ainda no que se refere ao “Tratamento didático dos conteúdos”, os PCN ressaltam a necessidade de se discutir e reavaliar os procedimentos educacionais. A esse respeito, pontuemos que:

é preciso avaliar sistematicamente seus efeitos no processo de ensino, verificando se está contribuindo para as aprendizagens que se espera alcançar. Por exemplo, o conteúdo selecionado pode ter recebido tratamento didático inadequado e, desse modo, os efeitos pretendidos podem não ter sido atingidos; a atividade realizada pode ter sido muito interessante, mas não ter permitido a apropriação do conteúdo e, nesse caso, os resultados podem não ser satisfatórios; os conteúdos selecionados podem não corresponder às necessidades dos alunos ou porque se referem a aspectos que já fazem parte de seu repertório, - ou porque pressupõem o domínio de procedimentos ou de outros conteúdos que não tenham, ainda, se constituído para o aprendiz -, de modo que a realização das atividades pouco contribuirá para o desenvolvimento das capacidades pretendidas. (BRASIL, 1998, pp. 65-66).

Desse modo, há a necessidade de criar abordagens para recepção dos conteúdos didáticos. Tais abordagens precisam ser produzidas levando em conta a carga de conhecimentos que o aluno já tem, e o que ele precisa ter, para, a partir delas, criar atividades diante das quais os alunos se sintam bem e motivados ao realizá-las, reconheçam a utilização social do que está sendo visto em sala de aula e, o principal, que compreendam o objetivo de estudo que lhe foi apresentado.

Sobre a prática de produção de textos, em especial os da modalidade oral, o PCN do segundo ciclo do ensino fundamental frisa a diferença de uma produção oralizada para uma produção escrita, no sentido de que um texto oral não pode ser apagado, a não ser que o mesmo aconteça por meio de gravação de áudio ou vídeo, porém no caso das situações em que produção oral ocorre de forma direta, isso não acontece. Nesse sentido, os PCN apontam que “ensinar a produzir textos orais significa, sobretudo, organizar situações que possibilitem o desenvolvimento de procedimentos de preparação prévia e monitoramento simultâneo”. Dentre essas situações que precisam ser trabalhadas, destacam-se:

- Um trabalho que parta das capacidades comunicativas dos alunos antes do ensino;
- Proponham atividades no interior de um projeto que deixe claro para o aluno os parâmetros da situação de comunicação.

Sobre o primeiro tópico, entende-se que o professor precisa sondar os conhecimentos dos alunos antes de realizar devidamente a atividade proposta, melhor dizendo, faz-se necessário uma avaliação das competências comunicativas dos alunos para só então elaborar e apresentar uma atividade. Em relação ao segundo tópico, se atem à formulação das atividades orais e afirma que estas atividades precisam se mostrar claras para que os alunos compreendam a função do gênero estudado, assim como seu propósito comunicativo. Esse procedimento, além de deixar claro para o aluno o objetivo a ser trabalhado, possibilita um estudo mais a fundo sobre o gênero oral que será trabalhado.

A respeito da produção de textos escritos, é necessário que o aluno domine uma série de competências, como:

- Redigir diferentes tipos de textos, demonstrando a capacidade de reconhecer a sua estrutura;
- Demonstrar clareza nas informações colocadas no texto;
- Utilizar corretamente recursos linguísticos apropriados (retomadas, anáforas, conectivos), que possibilitem a recuperação da referência por parte do destinatário.
- Realize o processo de revisão no próprio texto em função dos objetivos estabelecidos, da intenção comunicativa e do leitor a que se destina, redigindo tantas quantas forem as versões necessárias para considerar o texto produzido bem escrito.

Nesse sentido, o autor necessita de uma série de aspectos para produzir seu texto: *“o que dizer, a quem dizer, como dizer”*, e para que o material escrito seja consolidado como correto, segundo a norma padrão da língua, é necessário que a versão preliminar passe por inúmeros profissionais³, por alguns processos de reescrita, até chegar à versão final a ser impressa. Diferentemente do que acontece com o aprendiz, o mesmo precisa desenvolver sozinho todos esses aspectos do texto escrito, com isso faz-se necessário um conjunto de atividades que gradativamente mostre para o aluno como produzir um texto baseando-se nos três aspectos citados acima.

Sobre o *“o que dizer e como dizer”*, propõem-se atividades de transcrição, pois elas exigem do aluno percepção para garantir a fidelidade do registro. Tais atividades permitem que o aluno tenha a base sobre o que escrever, pelo fato do conteúdo já está exposto pelo texto modelo. Já nas atividades que envolvem autoria ou criação, o trabalho do aluno torna-se mais difícil, pois o mesmo precisa articular ambos os aspectos: o do conteúdo (o que dizer) e o da expressão (como dizer).

³Leitores críticos, revisores e coordenadores editoriais.

As categorias apresentadas permitem que o aluno possa conhecer e, em consequência disso, estabelecer os padrões da escrita, apropriando-se da estrutura, do universo temático e estilístico. É por meio da sua escrita e da do outro que cada aluno vai desenvolver seu próprio estilo de escrita, assim como suas preferências. É importante expor que as categorias didáticas não precisam ser tomadas como padrões a serem seguidos, dando ênfase inicialmente à transcrição, depois à reprodução, ao decalque e, finalmente, ao texto de autoria. O que se prioriza, de fato, é a função do que os alunos precisam aprender que se selecionam as categorias didáticas mais adequadas. Com isso faz-se importante e indispensável o olhar do professor para o texto do aluno, é preciso corrigir e interpretar as falhas cometidas, bem como guiar o processo de reescrita a partir das competências que os alunos já dominam.

Entretanto, o processo de produção de textos escritos inicia-se e termina pela tarefa mais complexa (o texto de autoria do aluno), com intuito de inicialmente conhecer as dificuldades do mesmo em relação ao gênero estudado, e assim traçar estratégias para a produção do texto escrito, e, por fim, para saber o quanto o aluno evoluiu nesse processo, avaliando, assim, os efeitos do trabalho realizado.

Partindo para os critérios de avaliação, tem-se como objetivo principal a elaboração de critérios que permitem tanto ao professor reunir um conjunto de informações válidas a respeito do desenvolvimento da aprendizagem do aluno, quanto ao aluno focalizar sua atenção a conteúdos importantes e assim compreender a importância dos mesmos com maior qualidade e atenção. Desse modo, o documento discutido aponta critérios julgados indispensáveis para o terceiro e quarto ciclo, os quais atuam no sentido de orientar o ensino. Sendo assim:

os critérios de avaliação devem ser compreendidos: por um lado, como aprendizagens indispensáveis ao final de um período. Por outro, como referências que permitem se comparados aos objetivos do ensino e ao conhecimento prévio com que o aluno iniciou a aprendizagem a análise de seus avanços ao longo do processo, considerando que as manifestações desses avanços não são lineares, nem idênticas, em diferentes sujeitos.(BRASIL, 1998p. 95)

Nesse sentido, para que haja uma avaliação precisa e significativa, partindo dos critérios estabelecidos, faz-se necessário considerar as aprendizagens individuais de cada aluno, pois um critério específico pode atingir, de múltiplas maneiras, diversos alunos, e cada um apresenta sua habilidade, dizendo de outra maneira, o que para um aluno pode indicar uma avanço, para outro pode não haver progressão. Por isso, os

critérios de avaliação devem ser pensados de acordo com a singularidade de cada aluno e a realidade vivenciada em sala de aula. Dentre os critérios de avaliação expostos nos PCN temos:

- Apresentar domínio e compreensão de textos orais, nos gêneros propostos para o ciclo;
- Atribuir sentido a textos orais e escritos, e consequentemente posicionar-se criticamente diante deles;
- Ler e falar com propriedade os textos com os quais tenha construído familiaridade;
- Redigir textos na modalidade escrita nos gêneros propostos, tendo em vistas as especificidades das condições de produção e das particularidades de cada gênero;
- Escrever textos coerentes e coesos, observando as restrições impostas pelo gênero;
- Revisar os próprios textos com o objetivo de aprimorá-los.

Dessa forma, compreendemos os pontos primordiais destacados pelo PCN do terceiro e quarto ciclo, e com isso podemos entender os objetivos elencados no documento, como é abordado o ensino e aprendizagem para que o aluno se torne um sujeito crítico e ativo, vimos também como são abordadas as práticas de produção de textos tanto na modalidade oral quanto na escrita e por fim os critérios de avaliação.

3 OS CAMINHOS DA PESQUISA: ABORDAGENS METODOLÓGICAS

O presente capítulo tem por objetivo apresentar os dados coletados durante a aplicação da sequência intitulada “Os mistérios da chuva”, a qual foi produzida durante minha atuação como bolsista do programa institucional de iniciação à docência (PIBID/CAPES). Os dados que aqui serão expostos mostram-se importantes, pois alguns fatores neles relatados influenciaram no desenrolar da sequência.

3.1 Do local da pesquisa

A pesquisa foi realizada na Escola Municipal de Ensino Fundamental II Bento Tenório de Sousa, que fica situada na zona rural do município paraibano de Monteiro, mais especificamente no Assentamento Santa Catarina. A mesma contava, na época em que atuamos, com uma equipe de 07 docentes e aproximadamente 148 discentes. Apesar de pequena, a escola comporta alunos da rede estadual no período matutino, municipal no período vespertino e escola de campo no período noturno. O que leva a escola a obter um grande fluxo de alunos diariamente levando a um desgaste na estrutura do ambiente, o que, por vezes, influencia no conforto e conseqüentemente reflete no desenvolvimento da aprendizagem dos alunos.

A escola conta com espaços pequenos que são distribuídos em cinco salas de aula, uma sala de computação e recursos midiáticos, sala dos professores, cozinha e uma pequena área de recreação. Vale salientar que um dos espaços utilizados por nós, durante a aplicação da sequência, foi uma árvore, onde espalhávamos mesas e cadeiras e realizávamos as atividades. Muitas vezes sofriamos com os fenômenos naturais – chuva, calor, vento – mas isso não nos impedia de realizar nossas atividades.

A escolha por tal escola se deu pelo fato de haver a necessidade de conhecer novas realidades e conseqüentemente introduzir os professores em formação nas mais diversas realidades educacionais. No ano em que atuamos na referida escola (2015), a mesma realizava projetos voltados para o resgate e valor da família, assim como a participação efetiva da família na escola. O projeto chamava-se “Resgatando os laços da família e da escola, através da leitura e da escrita”, dessa forma, os professores trabalhavam leituras que envolvessem as temáticas propostas, o que era importante, pois a comunidade na qual a escola estava inserida ainda apresentava resquícios de

pensamentos machistas, além disso, muitos alunos eram expostos ao trabalho infantil pra ajudar seus familiares com a renda da casa, por vezes nos deparávamos com mães justificando a falta do filho na escola por motivos de trabalho. Nesse sentido, o trabalho realizado na escola aproximava a família dos filhos incentivando o ato de estudar e a importância do mesmo para o futuro desses jovens.

A escola se mostrou bastante acolhedora conosco, nos dando liberdade para trabalhar diversos temas (seca, provérbios, piadas, família na contemporaneidade), não houve resistência do corpo docente, tínhamos liberdade para utilizar os recursos que a escola dispunha, isso nos ajudava a criar e a nos sentir como um professor naquela instituição.

3.2 Dos sujeitos da pesquisa

A princípio, visitamos a escola – o coordenador e os cinco bolsistas -, com intenção de conhecê-la e compreender melhor o funcionamento do local onde iríamos atuar e o público com o qual iríamos trabalhar. Nesse encontro inicial, conversamos com alguns professores da instituição que, ao exporem suas preocupações em relação a esses alunos, relataram que alguns deles apresentavam grandes dificuldades de leitura e escrita e que os mesmos já haviam trabalhado com esses alunos em seus momentos livres, como uma espécie de reforço, porém, não obtiveram êxito.

Ao notar essa preocupação com tais alunos, o coordenador⁴ propôs a formação de duas turmas, nelas realizamos experiências de leitura literária com alunos, os quais, apesar de já estarem alfabetizados, apresentavam baixos desempenhos de letramento. Dessa maneira, foram selecionados alunos com dificuldades mais ou menos acentuadas, para que, assim, pudessemos desenvolver um trabalho voltado para tais dificuldades. A turma com a qual trabalhamos era composta por alunos que mais acentuadamente apresentavam dificuldades de leitura e de escrita. Nela estavam presentes 10 alunos de faixa etária entre 9 a 15 anos. Com isso precisávamos, sobretudo, elaborar um trabalho que atendessem a todas as faixas etárias.

⁴ Marcelo Medeiros da Silva. Doutor em Letras, área de concentração em Literatura e Cultura, pela Universidade Federal da Paraíba (2011), mestre em Linguagem e Ensino, área de concentração Ensino e Aprendizagem de Língua e Literatura, pela Universidade Federal de Campina Grande (2006), especialista em Literatura e Estudos Culturais (2005) e graduado em Letras (2004) pela Universidade Estadual da Paraíba. Professor do Programa de pós-graduação em Formação de Professores da Universidade Estadual da Paraíba e coordenador de área do PIBID-Letras na cidade de Monteiro, onde também atua como professor de Literatura no campus VI da UEPB.

Foi pensando em tais dificuldades que decidimos desenvolver uma proposta que, visando ao desenvolvimento das competências de leitura e de escrita, estivesse centrada em textos com os quais os alunos pudessem se sentir familiarizados e em atividades motivacionais que proporcionassem, a esses mesmos alunos, prazer em aprender.

O contexto situacional desses alunos estava voltado para a vida no campo, sendo assim procuramos explorar esses conhecimentos já trazidos por eles com intuito de valorizar o conhecimento local e, além disso, inserir esses alunos numa posição de ser ativo, diferentemente das aulas com a sua turma, onde os mesmos se encontravam à margem da sala de aula por não saberem ler e conseqüentemente se acharem “burros”. Procuramos, então, mostrar para esses alunos que eles eram capazes, desmistificar a ideia de que eles não sabiam de nada, esse pensamento os impedia de progredir nas discussões em sala de aula.

3.3 Do tipo de pesquisa

Nosso trabalho segue a metodologia aplicada ao estudo de caso e, como tal, tem como objetivo apreender uma realidade específica e compreendê-la à luz do olhar de seus participantes. Ou seja, como estudo de caso, procuramos:

[...] compreender como é o mundo do ponto de vista dos participantes, ou uma perspectiva pragmática, que visa simplesmente apresentar uma perspectiva global, tanto quanto possível completa e coerente, do objeto de estudo do ponto de vista do investigador. (FONSECA, 2002, p. 33).

Nesse sentido, o objetivo de nossa pesquisa é compreender como, alunos com baixos níveis de aprendizagem, reagiriam a propostas de atividades que, pensadas especificamente para eles, não seguiam os modelos a que tais alunos estavam acostumados a ter em sala de aula, buscamos isso, por meio da realização de questionário, o mesmo continha perguntas voltadas à rotina dos alunos; como eles compreendem a importância da leitura; quais livros já leram; se apresentavam contato com livros no seu ambiente familiar; entre outros. Isso nos possibilitou, ainda que de forma superficial, conhecer os nossos alunos e a visão deles para com a leitura. Partindo disso, procuramos levar atividades com as quais eles se sentissem livres para mostrar seus conhecimentos, gostos, aversões, o que nos proporcionava uma melhor compreensão dos casos com que estávamos lidando.

Podemos dizer que, além de estudo de caso, nossa pesquisa também pode ser classificada como pesquisa-ação, uma vez que a mesma:

[...] pressupõe uma participação planejada do pesquisador na situação problemática a ser investigada. O processo de pesquisa recorre a uma metodologia sistemática, no sentido de transformar as realidades observadas, a partir da sua compreensão, conhecimento e compromisso para a ação dos elementos envolvidos na pesquisa (FONSECA, 2002, p. 34).

Dessa forma, buscamos, através da elaboração de um conjunto de atividades, levar exercícios que agissem sobre as dificuldades que encontramos diante de investigações anteriores. Com essas atividades, visávamos melhorar as habilidades leitoras e escritoras desses alunos.

Fizemos uso também de métodos qualitativos, uma vez que procuramos descrever, compreender e explicar como a leitura era vista pelos alunos e a partir disso entender a resistência apresentada por eles.

3.4 Da coleta e análise de dados

Nossa coleta de dados foi construída em quatro etapas, obedecendo à seguinte ordem: observação da estrutura do ambiente escolar, apresentação do corpo docente e alunos aos bolsistas, aplicação de questionário e aplicação da sequência.

No que diz respeito à observação do ambiente e à apresentação do corpo docente e discente, este momento foi realizado em uma tarde. Os professores da escola investigada se dispuseram a dialogar sobre o trabalho que vinha sendo desenvolvido na instituição, bem como nos relataram as dificuldades enfrentadas por eles para desenvolver trabalhos voltados para as habilidades leitoras e escritoras de alguns alunos.

Em um segundo momento, reunimo-nos com os alunos e geramos uma conversa informal, nela buscamos criar um contato de confiança para com esses alunos, o que não foi difícil, pois se mostraram bastante curiosos e ansiosos para saber o que iríamos trabalhar com eles, notamos, então, nesse momento, o quanto esses alunos se encantavam com algo novo e, embora não soubessem ler e escrever proficientemente, traziam consigo uma carga de conhecimento de mundo bastante vasta, o que nos ajudaria a realizar um trabalho tendo como base esses conhecimentos.

Partindo para aplicação do questionário, vale destacar primeiramente o momento de elaboração do mesmo. Esse momento foi desenvolvido com muita cautela, pois seria a partir das perguntas nele contidas que tiraríamos algumas conclusões em relação à turma com a qual iríamos atuar. Portanto, o questionário aplicado foi construído pelos bolsistas juntamente com os supervisores e coordenador. Cada pergunta foi elaborada em torno de uma reflexão que seria feita em sala com os alunos. Sendo assim, primamos por não realizar a aplicação do questionário, exclusivamente na forma escrita, para isso, buscamos gerar por meio de conversa, uma socialização destas perguntas e respostas, a fim de discutir a temática que estava sendo apontada em cada questão. Essa etapa foi de extrema importância, pois, apenas com as respostas escritas não conseguiríamos compreender a fundo o que os alunos queriam transmitir. Ao expressarem verbalmente suas impressões, pretensões e vivências, conseguimos compreender de forma mais clara a relação desses alunos com a escola, e sobretudo com o ato de ler e escrever.

Acerca da produção e aplicação da sequência de atividades, construímos a mesma após a aplicação do questionário, pois, diante do que foi colocado nas questões respondidas pelos alunos, conseguimos pensar em temáticas e estratégias para trabalhar leitura e escrita que estivessem ligadas aos gostos desses alunos ou a curiosidades que os mesmos relataram. Dentre algumas respostas, podemos citar a do aluno A e a do aluno B.

Questão: O que você gosta de fazer em seu tempo livre?

Aluno A: - Nas horas vagas eu ajudo minha vó nas coisas de casa e a carregar água para os bichos.

Aluno B: - Minha brincadeira favorita é pegar passarinhos.

Dessa forma, construímos uma sequência voltada para as vivências relatadas, curiosidades e problemas expostos, com intuito de aproximar o texto do aluno, pois para eles a leitura em vista como algo inalcançável e distante deles.

Elaborada a sequência, foi o momento de colocá-la em prática. As aulas aconteceram um dia na semana no decorrer de um ano, desse modo, ocupávamos duas aulas da professora supervisora de nossa área - língua portuguesa. Cada aula acontecia durante 45 minutos, como será apresentado no quadro abaixo:

REALIZAÇÃO DA SEQUÊNCIA - QUADRO DEMONSTRATIVO

Quantidade de aulas	Conteúdos
1	Conversa informal com a turma juntamente com o coordenador.
2	Aplicação do questionário
2	Motivação e criatividade– Dinâmica
2	O texto não-verbal: Leitura e interpretação
4	Conhecendo as características de Severino: Leitura, escrita e desenho
4	Viajando pela terra de Severino: Leitura, escrita e desenho
2	Dinâmica Silábica e confecção de cartas
4	Socialização das cartas e dinâmica da "Palavra Cruzada"
4	Conhecendo o Quênia. Texto não-verbal: Leitura e interpretação
2	Em busca das palavras perdidas: "Caça Palavras"
2	Confecção de fantoches

Conforme o quadro demonstrativo acima, podemos compreender como ocorreu a dinâmica de nossas intervenções, desde o primeiro contato à produção final, sendo assim, fizemos uso de uma aula para realização de conversa e apresentação da equipe de bolsistas, duas aulas para a aplicação do questionário e discussões sobre as respectivas respostas escritas pelos alunos, e vinte e seis aulas destinadas à aplicação da sequência, nas quais aconteciam discussões sobre temáticas regionais, dinâmicas contemplando o conteúdo a ser estudado, leitura, interpretação, e confecção de fantoches, explorando o lado artístico dos alunos.

Assim, julgamos todos os dados obtidos como totalmente pertinentes para a concretização de nosso estudo.

4 ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA NO FUNDAMENTAL II: PROPOSTA, AÇÃO E REFLEXÃO

O presente capítulo tem por objetivo expor os resultados de nossa intervenção pedagógica a partir de um conjunto de atividades previamente elaborada a fim de trabalhar com a leitura de textos literários em uma turma do segundo ciclo do ensino fundamental. Conforme dissemos no capítulo anterior, os alunos com quem trabalhamos apresentavam baixo desempenho de leitura e de escrita. Por isso, tínhamos um duplo “problema”: como elevar esse desempenho e, ao mesmo tempo, fazê-lo a partir de uma metodologia diferenciada, sobretudo em relação às práticas de leitura e de escrita que esses alunos já estavam acostumados?

Nesse caso, se, consoante assinalam Garcia e Silva (2000), “a leitura tem o poder de formar indivíduos questionadores e capazes de posicionar-se conscientemente diante da realidade e inserir-se numa sociedade mais moderna [...]”, acreditamos que podíamos potencializar a formação desse tipo de leitor a partir de um trabalho sistemático com o texto literário, visto que a literatura abre portas para o leitor imaginar, viajar e se deliciar nas entrelinhas. A partir do texto literário, é possível mobilizar um conjunto de saberes imprescindíveis à formação de nossos alunos. Por isso, de acordo com Lajolo (1997, p. 106), é importante que a literatura esteja presente no contexto escolar, pois “É à Literatura, como linguagem e como instituição, que se confiam os diferentes imaginários, as diferentes sensibilidades, valores e comportamentos através dos quais uma sociedade expressa e discute, simbolicamente, seus impasses, seus desejos, suas utopias”.

Considerando-se o exposto, ressaltamos que, para que o trabalho com texto literário seja satisfatório, em qualquer fase da vida humana, é necessário que se estabeleça um encantamento do leitor com texto. Para tanto, é preciso que os mediadores de leitura, no caso o professor, criem situações aprazíveis em que a leitura possa acontecer, pois “é na relação lúdica e prazerosa [do sujeito] com a obra literária que se forma o leitor; é na exploração simbólica da fantasia e da imaginação que se desabrocha o ato criador e se intensifica a comunicação entre texto e leitor” (OLIVEIRA, 2012, p. 14).

Foi, portanto, tendo em vista esses aspectos apontados por Oliveira (2012), bem como os que expusemos na introdução deste trabalho, que escolhemos as obras com que trabalhamos com os nossos alunos. Ou seja, obras que contivessem situações

lúdicas, mas que, sobretudo, mantivessem relação direta com o entorno dos alunos, visto que “quando a criança (o aluno) se identifica com alguma parte da narrativa, ela deve ter espaço para falar de sua experiência relacionada com a história. [...] Quando há essa identificação, a criança ouve com mais interesse e atenção” (OLIVEIRA, 2012, p. 41).

Nesse sentido, “Severino faz chover”, de Ana Maria Machado, e “Lila e o segredo da chuva”, de David e Jude, as obras que escolhemos, são narrativas que apresentam personagens infantis que buscam incansavelmente pela chuva. Embora as duas histórias aconteçam em localidades diferentes, ambas, para além da escassez de chuva, falam da persistência, união e humanização a partir de ações empreendidas por crianças.

Escolhidas as obras, era preciso pensar em como fazê-las chegar à sala de aula. Sendo assim, realizamos a dinâmica que intitulamos de **“Será que eu conheço?”**, a qual foi realizada da seguinte maneira: com todos os alunos sentados em círculo, apenas um deles, com a venda nos olhos, ocupava a cadeira do meio. A professora, nós no caso, puxávamos um objeto de uma sacola e entregávamo-lo ao aluno que estava com os olhos vendados e que, se valendo do tato, tentava adivinhar que objeto lhe fora repassado. O momento prosseguiu até que todos os alunos tivessem participado dela:



Figura 1: Dinâmica Será que eu conheço?

Ainda nesse momento, depois que todos os objetos foram adivinhados, conduzimos os alunos a criarem oralmente uma história da qual fizessem parte os objetos utilizados na dinâmica descrita anteriormente. Dentre os objetos que fizeram parte do momento e que deveriam ser incorporados à história a ser criada pelos alunos, estavam bolas de gude, peteca, baleadeira, pião, barco de papel, carrinho, esculturas de

madeira de animais como cavalo, cabra, peixe, tatu, pássaros, homem, mulher, carro de boi, pilão. Com esta atividade, objetivamos que os alunos desenvolvessem a capacidade criativa:



Figura 2: Criando histórias

Após a criação das histórias, passamos à apresentação do livro "Severino faz chover" a partir das ilustrações do livro, sem lermos ainda o texto verbal que acompanhava as ilustrações, a fim de fazer com que os alunos pudessem lê-las e depois comparar as imagens lidas com a história narrada, verbalmente, no livro. Em seguida, lemos o livro e abrimos espaço para que os alunos debatessem sobre até que ponto a história escrita por Ana Maria Machado assemelhou-se e/ou divergiu da história que eles criaram a partir apenas das ilustrações do livro:



Figura 3: Primeiro livro trabalhado



Figura 4: Leitura de imagens

Dando continuidade à sequência, levantamos alguns questionamentos a fim de sondar o que os alunos sabiam sobre a chuva. Foram feitas as seguintes perguntas: como se forma a chuva?; Como cai?; Será possível um menino fazer chover?. Tais perguntas mantinham relação direta com alguns questionamento que o protagonista da obra de Ana Maria Machado faz aos adultos ao longo da narrativa. Objetivamos por meio desta atividade conhecer o que os alunos entendiam sobre o fenômeno da chuva, ao passo que buscamos gerar questionamentos a respeito das tradições e experiências passadas pelos mais velhos envolvendo a temática estudada.

Feitas a leitura e a interpretação do texto verbal e não-verbal do livro "Severino faz chover", foi o momento de explorar mais detidamente as competências de leitura e de escrita dos alunos. Para essa atividade, fizemos uso de alguns excertos verbais do livro em estudo, sobretudo os momentos em que aparece descrito o protagonista, conforme neste fragmento:

Era uma vez um menino chamado Severino. O menino Severino não tinha nada de mais, era um menino como outros. Magrinho, levado moreno e cabeludo. A mãe dele brincava que ele era "Zoiudo", por causa dos olhos pretos de Severino, grandes e arregalados (MACHADO, 2010, p.05).

Em seguida, fizemos a leitura desta passagem para que os alunos preencham os espaços vazios presentes nelas. O processo é semelhante à prática do ditado. Entretanto, nossa proposta diferencia-se de tal prática, uma vez que as palavras a serem ditadas não eram palavras isoladas, descontextualizadas. Elas faziam parte de um contexto previamente conhecido pelos alunos. Dito de outra forma, os excertos escolhidos foram reescritos apresentando algumas lacunas que correspondiam à palavra que foi retirada propositalmente. Nos lugares vazios, estavam os espaços das sílabas referentes às palavras retiradas. A intenção era que os alunos reconhecessem as sílabas e, a partir delas, conseguissem formar as palavras e escrevê-las nos espaços correspondentes, conforme exemplificamos abaixo:

Era uma vez um _____ chamado _____.
 O menino Severino não tinha nada de mais, era um menino como muitos outros.
 Magrinho, _____, moreno e _____.
 A mãe dele _____ que ele também era " _____ ",
 por causa dos olhos pretos de Severino, grandes e _____.

Se-ve-ri-no Le-va-doMe-ni-no	Ca-be-lu-doBrin-ca-va	Ar-re-ga-la-dos	"Zoi-u-do"
---------------------------------	-----------------------	-----------------	------------

Após a identificação das palavras e o preenchimento das lacunas, foi o momento de refletir sobre o trecho apresentado que se referia à fisionomia do protagonista. Para isto, os alunos apontariam as características do personagem e, em seguida, expressariam em forma de desenho as características que compõem a si mesmos. Essa atividade, além de levar os alunos a refletirem sobre o texto, visou levá-los a expressar como eles próprios se viam:



Figura 5: Alunos desenhando suas características

Aqui, ainda tendo como suporte o livro "Severino faz chover", abordamos a 6ª e 7ª página do livro, as quais retratavam a região onde mora Severino, e como a vegetação se encontrava devido ao período de estiagem. Tal atividade seguiu o mesmo modelo da atividade anterior. Partimos de um excerto da obra:

Severino era mesmo muito parecido com uma porção de outros meninos que a gente conhece. A terra de Severino é que não era muito parecida com uma porção de outros lugares que a gente conhece. Sabe por que? É que lá quase nunca chovia. Por isso a terra era seca, cheia de poeira tudo era amarelo." (MACHADO, 2010, p. 6 -7).

Mas, embora o excerto da obra tenha sido o acima, entregamo-lo aos alunos da seguinte forma:

<p>Severino era mesmo muito parecido com uma porção de outros meninos que a gente conhece. A _____ de Severino é que não era muito _____ com uma porção de outros _____ que a gente conhece. Sabe por que? É que lá _____ nunca _____. Por isso a terra era _____, cheia de _____ tudo era _____.</p>
<p>qua-sepo-ei-racho-vi-ase-ca ter-raa-ma-re-lopa-re-ci-dalu-ga-res</p>

Após o término da correção e da discussão da atividade, exibimos o vídeo "Pomar", do grupo *Palavra Cantada*, com intenção de levar os alunos a identificarem quais das frutas apresentadas no vídeo fazem parte ou não da região deles. Em seguida, por meio de sorteio, os alunos receberam a figura de uma fruta e tiveram de escrever o nome da planta ou árvore a que a respectiva fruta pertencia (ex.: banana-bananeira):



Figura 6: Exibição do vídeo



Figura 7: Frutas sorteadas



Figura 8: Atividade escrita

Ainda no quinto momento, após o término da dinâmica, retornamos ao trabalho com o livro "Severino faz chover". Assim como Severino enviou cartas em forma de desenhos para as nuvens, foi o momento de os nossos alunos confeccionarem suas próprias cartas. Nelas eles expressariam o desejo pela chuva e como esperariam que, chovendo, a terra deles ficasse. Essa foi uma atividade que procurou retomar o final do

enredo da obra em estudo, já que uma das ilustrações finais evidenciava, depois que a chuva veio, o quão florido, verde e cheio de vida ficou o lugar onde morava Severino.



No sexto momento foi realizada a socialização dos desenhos feitos pelos alunos. Cada um expôs a carta escrita para a chuva, apresentando os desenhos que fizeram e explicando o pedido deles feito às nuvens. Esta etapa foi concluída com a dinâmica da "Palavra cruzada" que continha como palavra principal o nome da autora do livro, Ana Maria Machado. A partir de perguntas sobre o livro lido, os alunos preencheram os espaços vazios com as letras correspondentes, como mostra a figura a seguir:



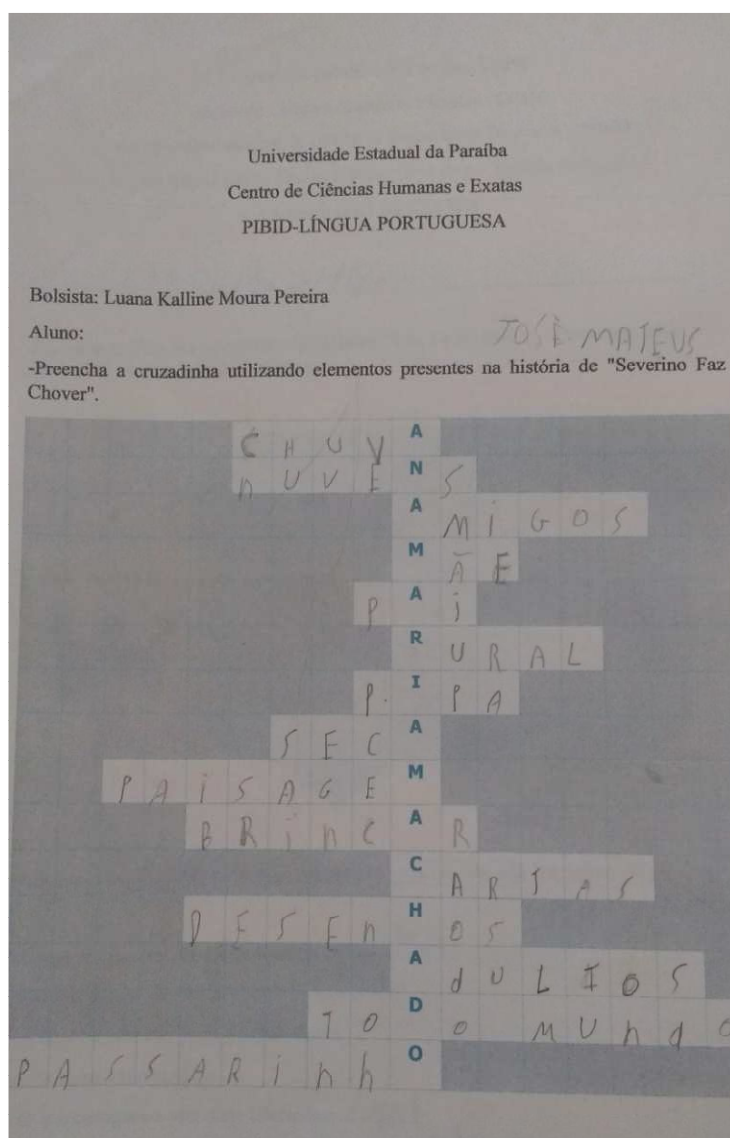


Figura 9: Palavra cruzada

Esta atividade, aos moldes das palavras cruzadas tradicionais, apresentava uma palavra principal – o nome da autora do livro – e um conjunto de espaços vazios que seriam preenchidos a partir das respostas às perguntas⁵ sobre o livro lido. Em uma caixa, foram colocadas diversas perguntas sobre o texto. Em outra, letras do alfabeto

⁵ O que faltava na terra de Severino para que ela voltasse a ficar verdinha?/ Para quem Severino e seus amigos mandaram as cartas?/Quem Severino Chamou para ajuda-lo na tentativa de fazer chover?/Quem chamava Severino de “zoiudo”?/Para quem Severino perguntou como era que chovia?/Em que localidade Severino mora? Zona rural ou urbana?/Qual brinquedo foi utilizado para fazer com que os desenhos chegassem até as nuvens?/Como era a terra de Severino antes de chover?/O que ficava seca e árida com a ausência da chuva?/Com a chegada da chuva, os passarinhos e as borboletas vieram fazer o quê?/Severino teve ideia de escrever o que para as nuvens?/ Já que Severino e seus amigos não sabiam escrever, de que forma eles confeccionaram as cartinhas?/Que personagens não acreditavam que Severino poderia fazer chover ?/Ao final, Severino ficou contente porque a chuva era um presente das crianças para quem?/Ao final, Severino ficou contente porque a chuva era um presente das crianças para quem?/Como eles conseguiram levar as cartas até as nuvens?

porque os alunos precisavam não só saber a resposta, mas também saber a forma como ela era, ortograficamente, escrita. A cada rodada, um aluno retirava uma pergunta e, se fosse o caso, com o auxílio do professor, lia para a turma. Mesmo sabendo, oralmente, a resposta, esta era organizada a partir das letras que compunham o vocábulo que servia de resposta correta. Os colegas poderiam ajudar se assim desejassem. A dinâmica findou apenas quando todas as respostas foram encontradas e devidamente preenchidas nos espaços vazios da cruzadinha.

Com esta dinâmica, além de avaliar nossos alunos de uma forma divertida, conseguimos estimular o exercício da leitura e da escrita, uma vez que foi necessário reorganizarem as letras de forma correta e dispô-las no lugar adequado dentro da cruzadinha. Além disso, essa atividade propiciou aos alunos um bom exercício de observação, reflexão e concentração. A partir dessa avaliação, percebemos o quanto eles estavam inteirados na história lida durante as aulas anteriores.

Com o término das atividades referentes ao livro "Severino faz chover", iniciamos o trabalho com o segundo livro proposto "Lila e o segredo da chuva", de David Conway e Jude Daly. A metodologia de leitura foi a seguinte. Foram levadas imagens e vídeos relacionados ao país onde se passava a história de Lila, o Quênia. À medida que as imagens foram sendo apresentadas, incitávamos os alunos, levando-os a pensar na cultura, no ambiente, nas roupas e nos costumes relacionados a esse país. Este procedimento fez-se necessário para inserir os alunos no universo onde a história se desenrolava:



Figura 10: Apresentação dos vídeos

Figura 11: Segundo livro trabalhado

Concluída a apresentação sobre o Quênia, foi o momento de exposição do livro "Lila e o segredo da chuva" que aconteceu da seguinte forma: entregamos para cada aluno uma página do livro xerocada. Os alunos tiveram de interpretar o texto não-verbal presente na página. Em seguida, cada um deles tentaria ler o máximo de palavras do trecho, escrevendo-as em um papel. Logo, esperávamos que eles conseguissem associar as palavras lidas com as imagens interpretadas.



Figura 12: Leitura do livro

Posteriormente, foi analisada a relação entre o texto verbal e o não-verbal, evidenciando as informações que o texto não-verbal nos apresenta e a temática que estava sendo abordada. Por fim, lemos a história que, assim como em "Severino faz chover", voltava-se para o tema da "seca" e a busca por chuva. Ambas as narrativas apresentavam como personagens principais crianças que, ao verem o sofrimento da população local, resolveram buscar alternativas para fazer chover. Desse modo, buscamos gerar questionamentos a respeito das ligações existentes entre os dois textos lidos, ligações estas que tratam dos perfis dos personagens; da região; costumes; objetivo dos personagens e as estratégias usadas por cada um deles para chegar ao objetivo que moviam as ações deles.

Após ser feita a leitura e interpretação da obra, foi o momento de aguçar a percepção dos alunos através do "caça-palavras". A dinâmica aconteceu da seguinte forma: os alunos teriam de encontrar as palavras perdidas entre o emaranhado de letras que compunham o caça-palavras. As palavras a serem descobertas se referiam à história de "Lila e o segredo da chuva". Além de provocar a curiosidade, aprimorar a competência da leitura e escrita, nós avaliamos, a partir dessa atividade, o desempenho dos alunos quanto à compreensão da história.

Universidade Estadual da Paraíba - UEPB
 Centro de Ciências Humanas e Exatas - CCHE
 Programa Institucional de Bolsas de Iniciação da Docência - PIBID
 Escola Municipal de Ensino Fundamental Bento Tenório de Sousa
 Professor (a): Luana Kalline

Aluno (a): Lucas

-Encontre as palavras referentes a história de "Lila e o segredo da chuva" que estão escondidas no emaranhado de letras.

O	P	M	Y	F	H	J	K	L	F	G	H	
A	E	O	D	C	W	C	F	I	S	A	E	
T	Q	N	R	W	R	Y	U	L	E	P	A	
R	C	T	S	A	V	Ô	C	Z	A	G	V	Z
O	F	A	D	R	D	A	E	A	R	I	F	
V	G	N	S	O	L	Z	W	T	E	L	U	
A	Y	H	V	C	Ê	U	T	W	D	A	I	
O	F	A	I	Y	O	W	A	N	O	J	O	
Q	U	E	N	I	A	G	J	V	W	T	S	

CHUVA - ULA - QUÊNIA - AVÔ - VILA - SEGREDO - MONTANHA - SOL - CÉU - TROVÃO

Como se chama a personagem principal? Lila
 Em que país se passa a história? Arábia
 A história conta o SEGREDO da chuva
 Lila mora numa VILA
 O que castigava a vila onde Lila morava? SOL
 Para quem Lila vai contar suas maiores tristezas? Céu
 Quem conta a história sobre a chuva para Lila? A-30
 Onde Lila sobe para conversar com os céus? MONTANHA
 O que cortou os céus minutos antes de chover? TROVÃO

Figura 13: Caça palavras

Ao serem encontradas todas as palavras, auxiliamos os alunos a responderem as seguintes perguntas:

Como se chama a personagem principal?
 Em que país se passa a história?
 A história conta o _____ da chuva.

Lila mora numa _____.
 O que castigava a vila onde Lila morava?
 Para quem Lila vai contar suas maiores tristezas?
 Quem conta a história sobre a chuva para Lila?
 Onde Lila sobe para conversar com os céus?
 O que cortou os céus minutos antes de chover?

Tais perguntas foram completas a partir das palavras encontradas no “caça palavras”. Por tanto, além de encontrá-las, os alunos tiveram de organizá-las corretamente nos seus devidos lugares.

Para finalizarmos as atividades referentes ao livro "Lila e o segredo da chuva", propomos aos alunos que confeccionassem fantoches representando os personagens da história:



Figura 14: confecção de fantoches

Esta foi a nossa última atividade lúdica que funcionou como forma de registro das interpretações dos alunos acerca do segundo livro lido. O trabalho com os dois livros visou, sobretudo, ampliar o horizonte de leitura dos alunos, desenvolver neles a capacidade para estabelecer o diálogo entre os textos, percebendo os elos intertextuais que unem um livro ao outro, bem como ampliar o horizonte cultural deles a partir do estudo de um livro sobre um país com costumes e povos bem diferentes do nosso.

Achamos pertinente destacar que todas as etapas que compõem a referida sequência foram pensadas, discutidas e organizadas de maneira que uma completasse a outra, traçando os mesmos objetivos, pois quando falamos em atividades lúdicas envolvendo o ensino, há de se manter cuidados para que o momento não se torne algo banal, assim como o cuidado também para que o aluno possa entender a ligação que se

estabelece entre a dinâmica, motivação e o texto lido. Esse cuidado se faz necessário para que o aluno perceba que estudar, aprender pode ser também um exercício divertido.

Diante do que foi trabalhado, das vivências e experiências obtidas mediante a aplicação da sequência de atividades aqui discutida, destacamos a fala de um aluno, na qual expressamos nossa gratidão e satisfação. No último dia de nossas intervenções, um aluno aproximou-se e dizer: “- Tia, eu nunca vou esquecer de Severino faz chover”, diante desse discurso, notamos o quanto foi satisfatório e encantador o trabalho que realizamos, e o quanto esses momentos ficarão marcados na memória desses alunos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho consistiu em refletir acerca de um conjunto de atividades aplicadas em uma turma com grandes dificuldades nas habilidades leitoras e escritoras. Com isso, obtivemos uma experiência bastante desafiadora, pois, além de desenvolver o gosto dos alunos pela leitura literária, devíamos, sobretudo, alfabetizá-los. Ao recebermos o desafio, várias dúvidas nos assolaram, dentre elas estava a de como chegar a esses alunos com textos e não gerar uma aversão ainda maior referente à leitura. Outro questionamento se voltou para como alfabetizar crianças e adolescentes que, por suas idades, já deviam estar alfabetizados. As dúvidas eram várias e com elas o medo de não conseguir, pois estávamos lidando com alunos para os quais a escola não havia conseguido realizar o processo básico que é a alfabetização no primeiro ciclo do ensino fundamental.

Com isso, propomos um trabalho envolvendo atividades de natureza lúdica, as quais foram descritas no trabalho, bem como trabalhamos textos que envolvessem a vida e as vivências desses alunos. Sendo assim, o uso dessas estratégias de leitura planejada tendo em vista o público com o qual trabalhamos nos possibilitou realizar um trabalho motivador e significativo à medida que utilizamos a bagagem que os alunos já apresentavam, agregadas às competências que iríamos trabalhar. Tivemos algumas resistências e dificuldades por parte dos alunos, mas conseguimos alcançar grande parte da turma no sentido de participação, melhora na leitura e escrita, e desenvolvemos a confiança e autoestima nesses alunos que se autocaracterizavam como “burros”⁶.

Sendo assim, por meio do trabalho já mencionado, conseguimos ressignificar as práticas de leitura e de escrita fugindo de metodologias mecânicas que não consideram as diversas formas de linguagem, como corporal, multimodal e artística. Além disso, ajudamos a ampliar as expectativas de leitura desses alunos e a desenvolver, um pouco, suas habilidades interpretativas, o que possibilitou uma melhora no desenvolvimento das práticas letradas nas turmas em que atuamos. E, o mais importante, mostramos que é possível tornar a aula mais divertida e interessante para os alunos.

⁶Tal expressão demonstra marcas de uma cultura na qual os indivíduos que não sabem ler e escrever são apontados como “burros” e incapazes. Este sentimento se cristaliza criando travas, podendo impedir que o sujeito [aluno] siga adiante em seus estudos.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, José Juvêncio. Alfabetização e leitura. 2ª edição, São Paulo: Cortez, 2008.

CONAWAY, David. *Lila e o segredo da chuva*. 1ª edição, Editora Biruta. 2010.

COSSON, Rildo. *Letramento Literário: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2006.

FONSECA, J. J. S. Metodologia da pesquisa científica. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila.

GIROTTO, C. G. G. S; SOUZA, R. J. Estratégias de leitura: para ensinar alunos e compreender o que lêem. In. SOUZA R. J. (org) *Ler e compreender: estratégias de leitura*. Campinas: Mercado de Letras, 2010.

HAYDT, Regina Célia Cazaux. *Curso de didática geral*. 1ª edição, São Paulo: Ática, 2006.

LAJOLO, Marisa. COSSON, Rildo. *Letramento Literário: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2006.

MACHADO, Ana Maria. *Severino faz chover*. 2ª edição, Editora salamandra. 2007.

OLIVEIRA, Maria Alexandre de. *Dinâmicas em Literatura Infantil*. São Paulo: Paulinas, 2012.

SOARES, Magda. *Letramento e alfabetização: as muitas facetas*. 26ª Reunião Anual da ANPED – GT Alfabetização, Leitura e Escrita. Poços de Caldas, 7 de outubro de 2003.

SOARES, Magda. *Letrar é mais que alfabetizar*. Jornal do Brasil, 26 nov. 2000.

Disponível em: <http://intervox.nce.ufrj.br/%7Eedpaes/magda.htm>. Acesso em: 07julho. 2017.

SOARES, Magda. *Alfabetização e Letramento: caminhos e descaminho*. Disponível em: <https://acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/40142/1/01d16t07.pdf> Acesso em: 10 de junho de 2017.

SAMPAIO, Mariana; e LIMA, Elieuzza Aparecida de. Estratégias de Leitura na Educação Infantil: Possibilidades do trabalho docente com livros de literatura infantil. In: SOUZA, Renata Junqueira; e PINHEIRO, Hélder (org.). *Literatura Infantil e Formação de Leitores: Estratégias de Leitura*. Campina Grande. 2015. P. 11-23.

Pedagogia construtivista..., Disponível em: <http://www.pedagogia.com.br/conteudos/construtivista.php>. Acesso em: 13 de dezembro de 2017.

APÊNDICES

APÊNDICE I - Questionário

Universidade Estadual da Paraíba – UEPB

Centro de Ciências Humanas e Exatas – CCHE

Campus VI – Poeta Pinto do Monteiro

Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência – PIBID

Coordenador de área: Prof. Marcelo Medeiros da Silva

Aluno (a): _____

- 1- Qual o melhor ambiente da escola para realizar as atividades?
- 2- Fora da sala de aula, como seu tempo é ocupado?
- 3- Dentro da sala de aula, o que mais lhe chama atenção e desperta seu interesse?
Justifique sua resposta.
- 4- Como é o convívio em sala de aula com seus colegas? E com o (a) professor (a) de língua portuguesa?
- 5- Sobre que assuntos você gosta de conversar com seus colegas?
- 6- E quais os assuntos que você gosta de ler?
- 7- Há um assunto especial sobre o qual você gostaria de escrever?
- 8- Há livros em sua casa? Quais?
- 9- Em casa, você tem algum auxílio nas suas atividades escolares?
- 10- Você gosta das aulas de Língua Portuguesa? Justifique sua resposta.
- 11- Em sua opinião, como deveriam ser as aulas de Língua Portuguesa? Que sugestões você poderia dar a sua professora?
- 12- Você gosta do livro didático de Português nas aulas? Os textos que ele traz são legais e compreensíveis para você?
- 13- Caso não goste dos textos que o livro didático utilizado em sala traz, que textos e/ou temáticas você gostaria que circulassem em sala de aula?
- 14- Qual a importância da leitura para você?
- 15- Você gosta de ler? Se não, justifique sua resposta.
- 16- Quando você vai ler algo, o que motiva a sua escolha?
- 17- Cite os livros que você já leu e de que mais gostou. Qual o seu preferido?
- 18- Você gosta de música? Quais?

- 19- Você gosta de atividades artísticas, como desenho, música?
- 20- Quais os meios de comunicação que são mais utilizados por vocês no seu dia a dia?
- 21- Vocês costumam ler textos que circulam?
- 22- Já teve algum contato com o gênero poema? E leitura de cordel, você conhece e/ou gosta? Se vocês não têm contato com nenhum desses gêneros. Então, cite outros gêneros com os quais vocês possuem afinidade?
- 23- Você gosta de peças teatrais? Já encenou alguma?
- 24- Você já escreveu ou copiou algum poema ou letra de música? Sobre o que falava?
- 25- Você costuma produzir textos? Você tem dificuldade em escrever? Quais são suas maiores dificuldades então?
- 26- Qual a importância da escola para sua vida?
- 27- Quais as suas expectativas para o seu futuro? Justifique sua resposta.

APÊNDICE II - Propostas de atividades

Universidade Estadual da Paraíba
Centro de Ciências Humanas e Exatas- Poeta pinto do Monteiro
Programa Interinstitucional de Bolsas de Iniciação à Docência - PIBID
Curso de Licenciatura em Letras- Língua Portuguesa
Coordenador de área: Prof. Dr. Marcelo Medeiros da Silva
Bolsista: Luana Kalline Moura Pereira

“Os mistérios da chuva”

- **Público:** Alunos com dificuldades em leitura e escrita da Escola Municipal de Ensino Fundamental II Bento Tenório de Sousa.
- **Espaço:** Sala de aula e pátio da escola.
- **Duração:** 24 aulas de 45 minutos cada
- **Conteúdo:** Leitura e interpretação de Textos Verbais e Não-Verbais

Objetivos:

Objetivo geral:

Estimular o aprendizado da leitura e escrita através do lúdico, buscando inserir nas atividades a serem desenvolvidas situações que envolvam o contexto social do aluno.

Objetivos específicos:

Espera-se que ao final desta sequência os alunos sejam capazes de:

- Expressar-se e comunicar-se melhor diante de situações do dia a dia;
- Sentir-se estimulado à prática de leitura e de escrita;
- Refletir sobre situações de seu cotidiano, através de histórias, personagens, objetos e cenas e reconhecer-se nos textos lidos;
- Socializar oralmente as impressões de leitura acerca dos textos estudados bem como expor com clareza os conhecimentos sobre a temática apresentada;
- Desenvolver a atenção e a percepção por meio de jogos lúdicos criados a partir dos textos escolhidos como objeto de leitura em sala de aula;
- Confeccionar desenhos e fantoches como formação de registro das interpretações dos alunos acerca dos personagens dos textos trabalhados;
- Extrair informações do texto não-verbal, utilizando sua memória discursiva e relacioná-las com o conhecimento de mundo.

Procedimentos:

ETAPA I: Trabalhando com o livro "Severino Faz Chover", de Ana Maria Machado.

1º Momento: Motivação e criatividade

Realização da seguinte dinâmica:

Título: "Será que eu conheço?"

Idade: A partir de 10 anos.

Número de participantes: 5 ou mais.

Como brincar:

De olhos vendados, o participante, apenas com o auxílio do tato, tentará descobrir que objeto lhe foi entregue.

O que desenvolve:

Essa brincadeira desenvolve a percepção e a concentração.

Materiais:

Bola de gude, peteca, baleadeira, pião, barco de papel, carrinho, objetos de madeira como: cavalo, cabra, peixe, tatu, pássaros, homem, mulher, carro de boi, pilão; cadeiras e um pano para vender os olhos dos alunos.

- Esta dinâmica irá conter objetos que façam parte do contexto em que os alunos estejam inseridos. A dinâmica acontecerá da seguinte maneira: todos os alunos deverão estar sentados em círculo. Apenas um participante estará com a venda nos olhos e ocupará a cadeira do meio. O professor irá puxar um objeto da sacola e entregá-lo ao aluno que está com os olhos vendados. Este deverá a partir do tato adivinhar que objeto lhe foi repassado pelo professor. A dinâmica prossegue até que todos tenham participado.
- Ainda nesse encontro, depois que todos os objetos foram adivinhados, o professor irá conduzir os alunos a criarem oralmente uma história da qual façam parte os objetos utilizados na dinâmica. No nosso caso, levaremos para sala de aula os seguintes objetos: bolas de gude, peteca, baleadeira, pião, barco de papel, carrinho, esculturas de madeira de animais como cavalo, cabra, peixe, tatu, pássaros, homem, mulher, carro de boi, pilão. Esperamos que os alunos desenvolvam a capacidade criativa deles e construam suas próprias histórias a partir desses objetos e socializem-nas com os demais colegas.
- Uma vez encerrada a dinâmica, passaremos para uma breve apresentação do livro "Severino faz chover" da autora Ana Maria Machado. Para gerar curiosidade, esta apresentação será feita mostrando apenas a capa

do livro e indagando aos alunos que tipo de história eles acham que o livro apresenta.

2º Momento: O texto não-verbal: Leitura e interpretação

- No primeiro momento, a partir da dinâmica "Será que eu conheço?", foram utilizados elementos que fazem parte da cultura nordestina. Em seguida, foi apresentada a capa do livro "Severino faz chover", cujo enredo gira em torno de um menino que mora em uma região onde quase não chove. Por isso, todos sofrem com a seca. Vendo a população triste, Severino investiga, a partir de perguntas e de tentativas várias, como é que chove. A "odisseia" de Severino é marcada pela tentativa de conversar com as nuvens para que assim elas mandassem chuva à região. Como elas não o ouviram, o menino não desiste e, após várias tentativas, Severino e seus amigos conseguem fazer chover apesar da descrença dos adultos para os quais os atos de Severino não passam de coisas de criança com imaginação muito fértil.
- No segundo momento daremos continuidade à apresentação do livro "Severino faz chover", mas agora revelando o conteúdo do livro. Entretanto, exploraremos apenas as ilustrações do livro a fim de fazer com que os alunos possam lê-las e depois comparar a história que leram nas imagens com a história escrita no livro. Em seguida, o professor lerá o livro e os alunos irão debatendo sobre até que ponto a história escrita por Ana Maria Machado e ilustrada por assemelha-se e/ou diverge da história que eles criaram a partir apenas das ilustrações que lhes foram apresentadas.
- Dando continuidade a esse encontro, o professor levantará questionamentos alguns questionamentos a fim de sondar o que os alunos sabem sobre a chuva. Serão feitas perguntas como estas: como se forma a chuva? Como cai? Será possível um menino fazer chover? Essas perguntas mantêm uma relação direta com alguns questionamento que o protagonista da obra de Ana Maria Machado faz aos adultos ao longo da narrativa.

3º Momento: Conhecendo as características de Severino: Leitura, escrita e desenho

- Feitas a leitura e a interpretação do texto verbal e não-verbal do livro "Severino faz chover", será o momento de explorar mais detidamente as competência de leitura e de escrita dos alunos. Para essa atividade, o professor usará de alguns excertos verbais do livro em estudo, sobretudo os momentos em que aparece descrito o protagonista, conforme neste fragmento:

Era uma vez um menino chamado Severino. O menino Severino não tinha nada de mais, era um menino como outros. Magrinho, levado moreno e cabeludo. A mãe dele brincava que ele era "Zoiudo", por causa dos olhos pretos de Severino, grandes e arregalados (MACHADO, 2010, p.05).

- Em seguida, o professor lerá essas passagens para que os alunos preencham os espaços vazios presentes nelas. O processo é semelhante à prática do ditado. Entretanto, nossa proposta diferencia-se de tal prática, uma vez que as palavras a serem ditadas não o serão isoladamente. Elas farão parte de um contexto previamente conhecido pelos alunos. Dito de outra forma, os excertos escolhidos serão reescritos apresentando algumas lacunas que corresponderá à palavra que foi retirada propositadamente. Nos lugares vazios, os espaços das sílabas referentes às palavras retiradas. A intenção é que os alunos reconheçam as sílabas e, a partir delas, consigam formar as palavras e escrevê-las nos espaços correspondentes, conforme exemplificamos abaixo:

Era uma vez um _____ chamado _____.
 O menino Severino não tinha nada de mais, era um menino como muitos outros.
 Magrinho, _____, moreno e _____.
 A mãe dele _____ que ele também era " _____ ",
 por causa dos olhos pretos de Severino, grandes e _____.

Se-ve-ri-no Ca-be-lu-doBrin-ca-va Ar-re-ga-la-dos
 Le-va-doMe-ni-no "Zoi-u-do"

- Após a identificação correta das palavras, será o momento de refletir sobre o trecho apresentado, que se refere à fisionomia do protagonista. Os alunos apontarão as características do personagem. Em seguida, irão pensar e expressar em forma de desenho as características que compõem a si mesmos. Essa atividade, além de levar os alunos a refletirem sobre o texto, visa levá-los a expressarem como eles próprios se enxergam diante da sociedade.

4º Momento: Viajando pela terra de Severino: Leitura, escrita e desenho

- Aqui, ainda tendo como suporte o livro "Severino faz chover", abordaremos a 6ª e 7ª página do livro, as quais, retratam a região onde mora Severino, e como a vegetação se encontrava devido ao período de estiagem. Seguirá o mesmo modelo da atividade anterior. Vejamos:
"Severino era mesmo muito parecido com uma porção de outros meninos que a gente conhece. A terra de Severino é que não era muito parecida com uma porção de outros lugares que a gente conhece. Sabe por que? É que lá quase nunca chovia. Por isso a terra era seca, cheia de poeira tudo era amarelo."
 (P. 6, 7. 2010)

Severino era mesmo muito parecido com uma porção de outros meninos que a gente conhece. A _____ de Severino é que não era muito _____ com uma porção de outros _____ que a gente conhece. Sabe por que? É que lá _____ nunca _____. Por isso a terra era _____, cheia de _____ tudo era _____.

<p>qua-sepo-ei-racho-vi-ase-ca ter-raa-ma-re-lopa-re-ci-dalu-ga-res</p>
--

- Após o término da correção e discussão da atividade, será exibido o vídeo "Pomar" do grupo Palavra Cantada, com intenção de levar os alunos a identificarem quais das frutas apresentadas no vídeo, fazem parte ou não de sua região. Em seguida, por meio de sorteio, os alunos receberão a figura de uma fruta, e tentarão escrever o nome da planta ou árvore que a respectiva fruta pertence. (ex.: Banana- Bananeira)

5º Momento: Dinâmica Silábica e confecção de cartas

- No quinto momento, o professor será responsável por levar uma dinâmica denominada de "Dinâmica Silábica". Esta tem por finalidade analisar a situação dos alunos, no que se refere ao conhecimento silábico, mas também, auxiliar no exercício de percepção e concentração dos alunos.

Dinâmica Silábica

Idade: a partir de 10 anos.

Número de participantes: 5 ou mais.

Como brincar:

O aluno puxará uma carta e o desenho que sair determinará a palavra a ser formada. Como todas as sílabas estarão embaralhadas, o aluno terá de juntá-las formando corretamente a palavra que nomeia o desenho da carta que o aluno puxou no início da dinâmica.

O que desenvolve:

Essa brincadeira desenvolve a leitura, escrita, percepção e concentração dos alunos.

Materiais:

Cartões com imagens e cartões com as sílabas pertencentes às imagens.

- Ainda no quinto momento, após o término da dinâmica, retornaremos ao trabalho com o livro "Severino faz chover". Assim como Severino enviou cartas em forma de desenhos para as nuvens, chegou o momento de os nossos alunos confeccionarem suas próprias cartas. Nelas eles expressarão o desejo pela chuva e como esperam que, chovendo, a terra deles fique. Essa é uma atividade que procura retomar o final do enredo da obra em estudo, já que uma

das ilustrações finais evidencia, depois que a chuva veio, o qual florido, verde e cheio de vida ficou o lugar onde morava Severino.

6ºMomento: Socialização das cartas e dinâmica da "Palavra Cruzada"

- No sexto momento será realizada a socialização dos desenhos feitos pelos alunos. Cada um apresentará a carta escrita para a chuva apresentando os desenhos que fizeram e explicando o pedido feito às nuvens.
- Esta etapa será concluída com a dinâmica da "Palavra cruzada". O jogo apresentará como palavra principal o nome da autora do livro "Severino faz chover", **Ana Maria Machado**. A partir de perguntas sobre o livro lido, os alunos preencherão os espaços vazios com as letras correspondentes.

Palavra Cruzada

Idade: a partir de 10 anos.

Número de participantes: 2 ou mais.

Como brincar:

A cruzadinha consiste em levar os alunos a completarem corretamente os quadrinhos vazios, tendo como pista uma palavra principal.

O que desenvolve:

Essa brincadeira estimula o exercício da leitura e escrita, além de ser um bom exercício de observação, reflexão e concentração.

ETAPA II: Livro -"Lila e o Segredo da Chuva"

6º Momento: Conhecendo o Quênia. Texto não-verbal: Leitura e interpretação.

- Com o término das atividades referentes ao livro "Severino faz chover", passaremos a trabalhar o livro "Lila e o segredo da chuva", de David Conway e Jude Daly.
- A metodologia de leitura será a seguinte. Serão levadas imagens e vídeos relacionados ao país onde se passa a história de Lila, o Quênia. À medida que as imagens forem sendo apresentadas, o professor instigará os alunos, levando-os a pensar na cultura, no ambiente, nas roupas e nos costumes relacionados a esse país. Este procedimento faz-se necessário para inserir os alunos no universo onde a história se desenrola.

- Concluída a apresentação sobre o Quênia, será o momento de exposição do livro "Lila e o segredo da chuva" que acontecerá da seguinte forma: o professor irá entregar para cada aluno uma página do livro xerocada. Os alunos terão de interpretar o texto não-verbal presente na página. Em seguida, cada um deles tentará ler o máximo de palavras do trecho, escrevendo-as em um papel. Logo, espera-se que eles consigam associar as palavras lidas com as imagens interpretadas.
- Posteriormente, será analisada a relação entre o texto verbal e o não-verbal, evidenciando as informações que o texto não-verbal nos apresenta e a temática que está sendo abordada.
- Por fim, o professor lerá a história que, assim como em "Severino faz chover", volta-se para o tema da "seca" e a busca por chuva. Ambas as narrativas têm como personagens principais crianças que, ao verem o sofrimento da população local, resolvem buscar alternativas para fazer chover. Desse modo, buscaremos gerar questionamentos a respeito das ligações existentes entre os dois textos lidos, ligações estas, que tratam dos perfis dos personagens; da região; costumes; objetivo dos personagens e as estratégias usadas por cada um deles para chegar ao seu objetivo (Fazer chover). Conduziremos os alunos a perceberem e argumentarem a respeito de tais ligações.
- Para concluir, o trabalho com os dois livros visa sobretudo, ampliar o horizonte de leitura dos alunos, desenvolver neles a capacidade para estabelecer o diálogo entre os textos, percebendo os elos intertextuais que unem um livro ao outro, bem como ampliar o horizonte cultural deles a partir do estudo de um livro sobre um país com costumes e povos bem diferentes do nosso.

7º Momento: Em busca das palavras perdidas: "Caça Palavras"

- Após serem feitas a leitura e a interpretação da obra, será o momento de aguçar a percepção dos alunos através da dinâmica "Caça Palavras".

Caça palavras

Idade: a partir de 8 anos.

Número de participantes: 2 ou mais.

Como brincar:

Os caça-palavras consistem em quadrados cheios de letras emaranhadas em meio às quais é possível encontrar palavras.

O que desenvolve:

Essa brincadeira desenvolve vocabulário e concentração, além de ser um bom exercício de observação.

- Os alunos terão de encontrar as palavras perdidas que se referem à história de "Lila e o segredo da chuva". Além de provocar a curiosidade, aprimorar a competência da leitura e escrita, o professor avaliará o desempenho dos alunos quanto à compreensão da história lida.
- Ao serem encontradas todas as palavras, o professor auxiliará os alunos a responderem as seguintes perguntas:
 - Como se chama a personagem principal?;
 - Em que país se passa a história?;
 - A história conta o _____ da chuva;
 - Lila mora numa _____;
 - O que castigava a vila onde Lila morava?;
 - Para quem Lila vai contar suas maiores tristezas?;
 - Quem conta a história sobre a chuva para Lila?;
 - Onde Lila sobe para conversar com os céus?;
 - O que cortou os céus minutos antes de chover?

As perguntas serão completas a partir das palavras encontradas. Ao término, serão socializadas as perguntas e suas respectivas respostas oferecidas pelos alunos.

- Para finalizarmos as atividades referentes ao livro "Lila e o segredo da chuva", será proposto aos alunos que confeccionem fantoches representando os personagens da história, conforme descrito abaixo:

Confecção dos fantoches

Materiais: Bolinhas de isopor, tinta preta, folhas coloridas em EVA, palitos de churrasco, lã preta, miçangas, tesouras, pinças, cola de isopor, cola quente.

Procedimentos: Fixar a bolinha de isopor na ponta do palito de churrasco. Em seguida, pintar a bolinha da cor do personagem (negra). Deixar secar por alguns minutos, até que a tinta da bolinha esteja totalmente seca. Feito isso, começa-se a confecção da roupa e acessórios. Para esta etapa, será usado o EVA da cor que preferir, desse modo, constrói-se um cone, o qual irá revestir o palito, formando assim o vestido do personagem. Para o cabelo, utilizaremos lã preta do tamanho que desejar. E por fim, cola-se os olhos, a boca e os braços feitos de papel e EVA. As miçangas servirão para decorar o vestido como desejar.

Essa será a nossa última atividade lúdica que funcionará como forma de registro das interpretações dos alunos acerca do livro lido.

APÊNDICE III - LINKS DE ACESSO AOS LIVROS TRABALHADOS

Link I: Severino Faz Chover: <<https://www.youtube.com/watch?v=RIUmQDqyI1c>>

Link II: Lila e os Mistérios da Chuva:
<<https://www.youtube.com/watch?v=HglMnEVma14>>